

Coletânea de textos motivacionais

Marcelo Garbine

Índice

1 – O último natal de uma década	02
2 – O que o Papai Noel me ensinou	06
3 – O meu amigo robô	10
4 – O estadista, o mendigo e o poeta	15
5 – O teorema da responsabilidade e suas consequências	20
6 – Sobre dinossauros, casas e o tempo	24

O último natal de uma década

Marcelo Garbine

As aulas terminaram no mês de novembro. No dia vinte e nove, foi a última prova do quarto bimestre e, no dia trinta, a festa de despedida de mais um ano letivo com direito a amigo secreto. Nada que eu não tivesse vivenciado nos anos anteriores.

Em menos de um mês, viria a noite de comemoração na casa do meu avô materno e, no dia seguinte, o almoço na casa do meu avô paterno. A primeira, ao lado dos tios e primos próximos e, a segunda, junto aos parentes que só via uma vez por ano.

A expectativa para o décimo quarto natal de minha vida não era mais a mesma. Seis anos antes, este período era bem mais saboroso. Afinal, eu não era mais ingênuo e, há tempos, sabia que Papai Noel não existia.

Contudo, no dia vinte quatro do mês derradeiro, participei de mais um ritual pós-solstício de verão em família. Antecipadamente, lá pelas dez horas da noite – porque as crianças não aguentavam mais de sono – vi um dos meus

tios disfarçado de velhinho com roupas vermelhas chegar balançando o sininho e gritando, pausadamente, a quarta vogal de nosso alfabeto.

Para mim, o costume servia, unicamente, para marcar a cadência que me ajudava a localizar-me na harmonia do mundo, fazendo contrapeso com o meu isolamento quase autista, mas para a minha mãe a data era de suma importância.

Tanto brilhavam os olhos dela que eu não tinha coragem de subtrair, de antemão, o pacote comprido e achatado – que eu sabia ser o meu skate – do saco de presentes. Notava-se aí a inversão de papéis: cabia ao filho fingir para agradar a mãe.

Meu ânimo era bem fraco. Acho que em virtude do que ocorrera um ano antes: os meus primos furaram o meu Pogobol, depois de brincarem com ele no asfalto, mesmo eu dizendo que não podia. O que adiantou tê-lo degustado com os olhos durante os três meses antecessores, nos comercias do Bozo?

Apesar da pouca idade, o saudosismo já tomava conta do meu coração. No ano de 1989, sentia falta do longínquo 1983, quando ganhei um gravador. Aquele, sim, havia sido dado pelo Papai Noel de verdade. E eu passei o dia

vinte e cinco inteirinho gravando programas numa fita cassete. Depoimentos e entrevistas nas quais revelei o que eu seria quando crescesse.

Senti-me num refluxo, então, ainda que não tivesse este diagnóstico claro. Enquanto no ano em que eu contava quase a metade da idade que tinha no finalzinho da década eu registrava os meus sonhos em áudio, naquele instante era hora de tentar entrar no grupinho dos normais. Embora não tivesse lá muito interesse pelo esporte californiano, eu deveria aprendê-lo para ser igual aos outros meninos. E o que fora gravado, seis anos antes, ficou relegado para outros momentos quaisquer do futuro, quando eu cansasse de tentar ser os outros e voltasse a buscar a minha essência.

E, de 1989 até aqui, muitos "papais noéis" visitaram-me. Nem sempre fui destemido e tive a bravura de pedir o que a minha alma clamava. Assim como os ciclos de doze meses repetem-se perpetuamente, alternam-se também as baterias sequenciais de audácia e covardia.

O Pogobol de 1988 nunca mais fora repostado e o skate de 1989 eu mal aprendera a usar. Ele apenas serviu para descer algumas ladeiras, sem que as manobras específicas daquele entretenimento fossem por certo aprendidas. Rapidamente esquecido, fora depositado no fundo do porão.

O gravador de 1983 durou bem mais. Nele, registrei os meus sonhos, contei piadas e cantei músicas que compus. Apesar das fitas terem sido perdidas e do aparelho ter-se depreciado com o castigo imposto pelo tempo, ele foi o meu companheiro de devaneios pelo prazo que lhe coube.

Agora, aproximando-me do meu quadragésimo natal, se eu não tomar as devidas precauções, pedirei outro skate, pois nem sempre é fácil convencer a mim próprio que o que existe somente no meu interior e não encontra par no plano externo é aquilo que me faz feliz de fato.

Antes que eu seja tentado a buscar uma vaga numa turminha qualquer, deixarei, aqui, manifesto:

– Papai Noel, eu quero um gravador.

Marcelo Garbine

O que o Papai Noel me ensinou

Marcelo Garbine

Em meados do mês de novembro de 1985, época em que o natal começa a permear a fantasia coletiva, a professora de artes pediu a nós, crianças de oito anos que cursavam a segunda série, que desenhássemos o Papai Noel. Seria realizada uma votação, entre os próprios alunos, para decidir qual dos desenhos era o mais bonito.

Nunca fui hábil na técnica de contornar figuras manualmente, por isso não dei muita importância àquela tarefa.

Está certo que, cinco anos antes, em 1980, quando eu contava apenas três aninhos, havia ganho um brinquedo Mini Cine da Estrela, num concurso infantil de fim de ano no qual fora proposto que delineássemos ilustrações natalinas. Nesta ocasião, o meu trabalho ficou longe das melhores classificações, cabendo a mim somente esta prenda destinada a candidatinhos medianos. Entretanto, eu ganhei enquanto aos priminhos meus que se expressavam bem com canetinhas coloridas coube, como brinde, um desenxabido cinto, digo, sinto... sinto muito.

Um quinquênio escoado, esta lembrança nada me motivava. Apesar da pouca idade, tinha eu plena consciência de que só ganhara porque os avaliadores acharam bonitinho um menininho tão pequerrucho colar algodão para perfazer a barba branca do bom velhinho. Sabia que o prêmio não fora nenhum mérito decorrente de algum dom passível de repetir-se em outras circunstâncias da minha vida. Afinal, de modo cruel, descobrimos que, quanto mais crescemos, mais ficamos sem graça aos olhos dos adultos e, o que era gracioso e divertido, torna-se banal.

Peguei o lápis vermelho de modo desengonçado e comecei a rabiscar desleixadamente a folha sulfite. Procurei não pensar que, transcorridos ínfimos minutos, eu seria submetido a exhibir, vexatoriamente, o meu rabisco perante a classe. Sem pretensão alguma, deslizava a ponta do objeto de madeira no papel, formando curvas que, eu antevia, não seriam facilmente decifradas, a não ser que fosse empregada muita boa vontade e imaginação por parte dos observadores. E esta hipótese era bem duvidosa, até mesmo porque, até onde era de meu conhecimento, minha mãe não estava lá.

Dando-me conta de que não havia mais espaços razoáveis para esfregar o troço pontiagudo, larguei o pedaço de árvore morta e fixei o meu olhar decepcionado, porém conformado, no plano. Aquela coisa mais estava parecendo um palhaço barbado do que o personagem da mitologia ocidental popular de dezembro. Numa tentativa patética de remendar a caca, escrevi

embaixo da caricatura excêntrica: "Palhaço Noel: trazendo alegria para o nosso natal".

Fileira por fileira, os grupos de alunos foram sendo convidados a irem à frente mostrar seus labores artísticos aos coleguinhas. Estes, por seus turnos, levantavam - ou não - as suas mãos para votar todas as vezes que a tia anunciava o nome de um desenhista. O fragmento da extrema esquerda da lousa foi designado pela educadora para grafar o nome dos vencedores de cada fila.

Ao chegar o momento da garotada da minha turma, rastejei-me, cabisbaixo, à dianteira da sala de aula e, com a cara no chão, ergui, timidamente, como uma bandeira a meio mastro, minha arte improvisada, virando o rosto meio de lado para esperar a rajada de risos, como um fracote aguardando uma bordoadada.

A pedagoga vociferou: "Quem vota no Marcelo?"

Não ouvindo as conjecturadas gargalhadas, icei, levemente, a pálpebra direita de um de meus olhos fechados, podendo notar sorrisos simpáticos nas faces dos fedelhos. Qual não foi a minha surpresa ao ver a maior quota de mãozinhas auto-hasteando-se. O meu nome foi parar lá no lugarzinho do

quadro reservado aos escolhidos de cada agrupamento. Eita! Por essa, eu não esperava...

Será que isto era bom? Eu teria que ir à frente de novo, desta feita, entre o grupo de vitoriosos de cada fileira. Mais uma vez, suspendi o gatafunho e, no meu conceito, sujeitei-me a um segundo episódio de vergonha. E, incompreensivelmente, as palmas com seu quinteto de dedinhos apontaram, novamente, o teto da sala.

Como eu gostava bastante de estórias em quadrinhos, pude visualizar um ponto de interrogação sobre a cabeça da mestra, no instante em que ela redigiu no quadro verde: "Campeão: Marcelo". Por sua fisionomia abobada, deu pra ver que ela também não entendeu bulhufas.

Naquele ano remoto, Papai Noel ensinou-me que, por maior que fosse a minha desvantagem, ainda me restava o meu diferencial.

Marcelo Garbine

O meu amigo robô

Marcelo Garbine

É fato que o brilho do sol motiva-nos a voar em busca de nossos sonhos. Pesquisas comprovam que até a bolsa de valores sobe nos dias mais bonitos. Porém, por mais tocante que seja o resplandecer deste astro luminoso tão lindo, há amanheceres que nem o seu banho de energia empolga-nos a ponto de mover-nos a crer que o mundo é nosso.

Nestas auroras, dou graças a Deus quando chove. Considero adequado que o fulgor permaneça restrito aos momentos em que o meu coração esteja disposto a fazer a sonoplastia pra acompanhar o jogo de luzes. Escolho esquecer um pouco as minha metas existenciais e ponho-me à procura de lazeres que nada me acrescentam, somente me entretém, até que a aflição vá embora...

Só que, naquela sexta-feira chuvosa, peguei pesado: fui distrair-me matriculando-me num curso intensivo e livre de mecânica. Eita, p...!

Não aprendi nada, mas o meu grupo montou um kart. Achei que, ao menos, na minha vez de pilotar, eu me divertiria, entretanto eu – que sou vítima de xingamentos machistas sempre que dirijo carros com vidros fumês – não honrei

as minhas calças e mostrei pros meus companheiros um defeito no nosso kart, precisamente na pecinha que fica entre o volante e o assento... derrapei numa poça de água e o choque com o outro automotor foi forte...

Saí tonto do veículo. Uma excelente oportunidade pra não constatar conscientemente o vexame no qual me metera. Meio que chapado, observei a fusão entre os dois carros avariados... ou seria, nessa altura, um apenas?

De certo modo, o que possuímos em nossas vidas é exatamente isso: o que edificamos e o que acontece além do nosso controle. A mescla destes dois elementos dá-nos o que temos no presente instante. E a chuva? A chuva são as condições adversas: o ladrão que levou o meu celular no dia em que eu receberia a resposta da entrevista de emprego ou o galho de árvore que caiu justo na hora em que eu passei.

É... Esta analogia platônica, eventualmente, teria ajudado, se a aula fosse de filosofia, mas, pelo olhar dos meus colegas de equipe, acho que eles não estavam muito interessados na minha fantasia quimérica...

Será que eu mereço tanta revolta? Eu não sou mau. A única maldade que faço, em situações casuais, é não segurar a porta do elevador quando vejo um sujeito apressado correndo pra entrar. Sei que é egoísmo não querer perder

tempo e desejar estar sozinho pra que o cubículo ascendente fique mais confortável, mas isto não chega a ser um traço psicótico.

Enfim, já entardecia e eu achava engraçado o que ocorrera. Por que eu fui participar de um workshop de mecânica se este negócio não tem nada a ver comigo? Será que não? Bem... eu já fui criança um dia e, como todo menino, quis ter um amigo robô. Talvez, involuntariamente, continue almejando construir um. E esta vontade pueril, provavelmente, foi acentuada naquela manhã cinzenta...

E, ao anoitecer, a lua era maravilhosa, conquanto o prazer de contemplar a sua beleza não fosse maior que o sofrimento que um dia confuso aflorou. Confesso que os meus anticorpos psicológicos foram preguiçosos pra combatê-la, mas tudo bem, afinal todas as angústias doem à noite mesmo. Julguei prudente respeitar este ciclo, já que eu sabia que o sol nasceria novamente no dia seguinte e eu teria mais uma chance de ir atrás do que creio que me fará feliz.

Nos dias de maturidade, a admiração pela tecnologia perdurou, não por ela poder proporcionar-me um companheirinho eletrônico, mas por ser útil pra auxiliar no desenvolvimento do ser humano. Muita gente crê que, um belo dia, o ser humano acordará bonzinho e outros acham que não. Acredito não ser nem uma coisa e nem outra. A tecnologia faz o homem evoluir.

Com todos tendo uma câmera de vídeo no bolso, por exemplo, os indivíduos socializados acabam por esforçarem-se mais pra não cometer erros em público, pois o menor deslize poderá ser eternamente registrado numa plataforma de vídeos da internet. E o esforço pra ser cada vez melhor transforma-se em praxe. Sendo nós seres de hábitos que nos acostumamos fácil com tudo, logo criamos comportamentos bons. É uma maneira interessante de ter fé no ser humano sem apelar pra fórmulas mágicas. Olha o amigo robô aí, aparecendo reencarnado num iPhone.

Se as alvoradas em que eu aspirava encontrar o meu cyber amigo estavam perdidas em algum lugar do espaço-tempo que não mais voltaria, agora, restavam os sonhos maduros. Ter, em circunstância sincrônica, os pés no chão e a cabeça nas nuvens é possível quando se é grande...

Ser tomado por um sentimento de fragilidade infantil é um jeito de sentir-se acolhido, nem que seja pelo sorriso bobo no próprio rosto ao recordarmos de como víamos o mundo durante a inocência da tenra idade. Naquela fase, as paisagens tinham uma coloração diferente e as tintas que as pintaram parece que foram retiradas do mercado. Mas ainda havia a alternativa de misturar as pigmentações que tenho, formando novas cores e, quiçá, aproximar-se daquela tonalidade clariiiiiinha de tão sutil que era e, simultaneamente, colorida e cintilante, alegres como os olhos da criança que brinca.

Hoje, estou leve. E segurarei a porta do elevador, caso eu vir alguém correndo pra alcançá-lo, mesmo se a pessoa não for o Spectreman.

Marcelo Garbine

O estadista, o mendigo e o poeta

Marcelo Garbine

Ainda quando eu estou atrasado para o trabalho, com muita pressa, não abro mão do meu ritual matutino diário de tomar café, na padaria. Considero primordial ver gente, mesmo tendo as minhas questões a solucionar e as minhas peculiaridades.

Enquanto levo a xícara à boca, olho para o infinito. Sim, infinito. Materialmente, essa suposta amplidão pode estar bloqueada por uma parede, com cartazes repletos de mulheres esbeltas e cervejas, mas a minha psique espectral transpassa-a. Sou livre. E mesmo envolto em minhas quimeras, a visão periférica encarrega-se de capturar as demais insignes e seus respectivos desígnios. Não há conclusão a chegar-se se não houver comparações. A selva humana remete a um orbe colossal de possibilidades que abrem leques de opções. É um dos preços do livre arbítrio: o padecimento da hesitação.

Segundo a física quântica, ao elegermos uma antelação, criamos um universo, pois essa escolha afeta a vida de todos os seres, sem excetuar nenhum, e, concomitantemente, mata um número infinito de outros universos, que são as

opções subtraídas da concepção. É a chamada “teoria do caos”, a qual explica que “o bater de asas de uma simples borboleta poderia influenciar o curso natural das coisas e, assim, talvez, provocar um tufão do outro lado do mundo”.

Tantas possibilidades acarretam em um tempo que se arrasta com um maior fardo: “e se eu tivesse feito diferente? Quem seriam os meus filhos que não nasceram? Quem seria eu? Como seria o mundo se eu houvesse me entregado a inclinações distintas?”. E a aflição é imensurável porque pesa a responsabilidade da escolha. Nesse ponto, a liberdade não é tão maravilhosa assim. Sente-se falta de que alguém nos mande executar algo. E para aliviar, papagaiamos frases prontas do tipo: “não foi porque não era para ser”, “Deus quis assim”, “o destino já está escrito”, “é melhor arrependermos do que fizemos do que daquilo que não fizemos”, etc.

Somente os néscios vivem respaldados por sentenças cabais que se contradizem: se “o silêncio vale ouro e a palavra vale prata”, em certas situações ganhamos muito por ficarmos calados, então é insustentável dizer que o arrependimento é mais brando, necessariamente, quando consequência de um ato consumado. A pausa também faz parte da música. “Somos feitos de silêncio e som”.

“Não foi porque não era para ser”? Que covardia é essa? Não foi porque eu fiz outra opção ou porque eu não fiz o que, agora, eu acho que deveria ter feito.

Faz-se mister hombridade para admitir. Só os fracos vêm utilidade em mentir para si mesmo. E os mais fracos ainda optam por prosseguir num rumo, no qual, lá no fundo de suas almas, já não crêem mais, por medo de assumir o prejuízo do tempo escorrido em vão. O desperdício do que lhes resta é o preço que se paga por não querer absorver-se o peso da corpulência de decisões equivocadas.

“O destino já está escrito”? Que vida chata é essa? Somos fitas cassetes de uma velha locadora?

Neste ponto da reflexão, o meu café começa a perder calor em demasia e eu conjecturo que será imprescindível esquadrihar um atestado médico. Agonias mundanas mesclam-se com arquejos espirituais.

Acostumados que estamos a crer que as decisões vêm de um plano maior, sejam elas extra-mundanas ou provenientes de detentores de poderes tão distantes da nossa realidade que, por vezes, temos dificuldade de observá-los como sendo tão humanos como nós, relutamos a aceitar ou mesmo refletir sobre o assunto com a ênfase necessária. O fato é que criamos um universo com pequenas decisões tomadas, sejam elas do interesse de um numeroso grupo ou puramente egoístas.

Esse caminho tão aparentemente individual que acabei de escolher, o de refletir, na padaria, observando cartazes vulgares, que eu insisto em chamar de infinito, afetou a vida imediata de todos os que estavam presentes no hospital, para o qual rumei, e no meu ambiente de trabalho, no qual deveria estar. A vida deles, por seu turno, afetará a de todos os seus contatos e o processo repetir-se-á, infinitamente, dando a volta ao mundo, em frações de um segundo. Velocidade esta que é turbinada pela interligação de um mundo que acontece – tecnologicamente – em tempo real. Universos dentro de outros universos são criados a torto e a direito, num processo que nos assusta. Aí surge a necessidade psicológica de auto-excluir-se dessa responsabilidade de governantes que somos do universo. Sim, do universo. Levando-se em consideração que sinais derivados de aparatos científicos são dissipados em direção ao cosmo – em forma de ondas de rádio, por exemplo – e que os humanos que comandam – direta ou indiretamente – esses aparatos são também afetados por nossas decisões, o citado bater de asas da borboleta ou a escolha entre chá ou café, no balcão da humilde padoca, afetará a diversidade de ondas espargidas pelo espaço sideral, bem como as informações nelas contidas. É tenebroso.

Um poeta escreveu uma poesia que será lida daqui a duzentos anos. Um estadista de um importante país tomará decisões, em 1214, após lê-la e emocionar-se com a poesia escrita em 2014 e influenciar-se-á por ela. Bilhões de pessoas que nem nasceram serão influenciadas pela decisão do estadista. Quem mais influenciou? O estadista ou o poeta? Ou será o mendigo que habitava a esquina da casa do poeta e inspirou-o? Ou será a moça que

despedaçou o coração do homem que perdeu a vontade de lutar pelo que lhe era de direito e foi viver nas ruas como esmolador? Ou será o bisavô da moça que decidiu, aos quarenta e cinco do segundo tempo, que não morreria sem deixar sua semente nesse planeta?

Todos eles criaram e mataram universos vorazmente e com o mesmo poder. Esse é o maior milagre do mundo que parcamente apelidamos de livre arbítrio.

O próximo segundo que o relógio encarregar-se-á de traduzir numa linguagem de fácil assimilação aos meros mortais, transformando o hermético tempo numa análoga marcação digital, é exclusivamente seu. Hirto, também está você decidindo, matando e criando. O silêncio também faz parte da música. A opção pela desistência permanente ou sono eterno é o mesmo que inércia permanente, o que não o isenta.

Que infinitudes de universos você criará? Que outras imensidões da mesma envergadura serão postas em órbita? O tique-taque impiedoso do relógio e o soporífero balanço do pêndulo do velho cuco exigem uma resposta sua.

Marcelo Garbine

O teorema da responsabilidade e suas consequências

Marcelo Garbine

Desvendado o mistério - Descoberto o verdadeiro culpado pelo que deu errado em sua vida.

No segundo semestre de 2010, fiz um curso de desenvolvimento pessoal, que durou um fim de semana inteiro. Disseram-nos, durante uma longa palestra, que, naquele dia, conheceríamos o verdadeiro responsável por todas as coisas que não ocorreram, na nossa vida, como gostaríamos. Os palestrantes instigaram a gente, fazendo-nos crer que poderíamos, enfim, saber o nome do culpado de tudo.

O que você faria se ficasse frente a frente com o responsável por todas as mazelas e infortúnios da sua vida? Vingaria-se? Daria uma sova nessa pessoa? Cometeria o irreversível pecado capital?

Depois de horas de palestra, fomos postos em fila, que terminava numa espécie de biombo. Atrás do tapume, teríamos a revelação sobre quem seria

essa pessoa. Quem estaria lá? Nossos progenitores? Nossa paixão de infância que riu da nossa cara quando revelamos o nosso amor? O grandalhão que não nos deixava sair à rua, quando crianças? O examinador que corrigiu a nossa prova, quando prestamos vestibular pela primeira vez? O colega de trabalho que ficou com o cargo que almejávamos, logo no início da nossa carreira?

Não, nenhum deles estava lá. Esses, que vieram à nossa imaginação, estavam muito longe dali e, muitos deles, provavelmente, sequer lembravam-se da nossa existência ou, quem sabe, nem estivessem mais nesse plano físico carnal, apesar de continuarem a figurar como vilões no sistema de defesa que criamos para conjecturar que o culpado são os outros. Sim, porque há uma tendência natural do ser humano de acreditar que o mérito dos sucessos é nosso e o dos insucessos é alheio.

Julgamos os outros pelos atos concretos praticados, todavia queremos ser julgados por nossas intenções. Entretanto, devemos ser coerentes: se somos motivadores das vitórias que nos dão aquele prazer delicioso da adrenalina, também somos causadores das intempéries, quando o nosso cavalo fica pra trás na corrida de jockeys da vida.

Chegou a minha vez e, então, pude vislumbrar a minha cara de néscio refletida no espelho que me aguardava, atrás do tabique.

Já ouvi dizer que somos consequências de tudo o que vivemos até hoje, mas essa definição de “quem somos nós” é imperfeita, creio eu, porque, além do que o mundo exterior nos oferta, existe, também, a nossa maneira de enxergar as coisas, de abstrair. Em verdade, somos consequências da forma como escolhemos enxergar o que nos acontece. É só você que pode decidir se o copo está meio cheio ou meio vazio. A escolha é sua. Num mundo repleto de acontecimentos que fogem ao nosso controle, aquilo que chamamos realidade parece um filme a que já assistimos no passado.

Graças à repetição natural dos eventos, tornamo-nos hábeis para conceber a padronização do que ocorre. A partir daí, podemos escolher como nos posicionar diante das circunstâncias. Como reagir? Interferiremos quando defrontarmos com uma injustiça que afeta os outros? Seremos individualistas e não nos meteremos em questões que fogem aos nossos interesses pessoais?

No livro “O caçador de pipas”, de Khaled Hosseini, ao fugirem do Afeganistão, numa carroceria de caminhão, com dezenas de retirantes, durante a guerra com a Rússia, um personagem intervém para impedir que uma moça, acompanhada do noivo, que ele nem conhecia, fosse estuprada por um soldado russo. O filho do homem disse “pai!”, numa tentativa inócua e egoísta de impedir que o seu genitor arriscasse a sua vida ao interferir num problema que não lhe dizia respeito. A admoestação do pai veio aos berros: “Parece que

você não aprendeu nada comigo! Prefiro morrer a compactuar com uma sem-vergonhice dessas!”.

São essas e outras decisões que tomamos que nos moldam e fazem-nos ser quem fomos, quem somos e quem seremos. Será que há pessoas que nascem boas e outras que nascem más? Existe um gene ou índole do mal? Ou será que são as coisas que escolhemos fazer que definem se somos bons ou maus?

Uma pessoa que costuma fazer o bem pode, eventualmente, fazer o mal e vice-versa, porém, se lembrarmos que somos seres de hábitos, chegaremos à conclusão que, insistindo em atos bons ou em atos ruins, terminaremos por acostumar-nos a agir de determinada forma, a sermos de um determinado jeito, arraigando o arquétipo das nossas práxis. Criemos o hábito, pois.

Se podemos eleger o nosso íntimo, por que não desatar a ser o ser humano que o nosso cachorro pensa que somos? E as adversidades e violências do mundo, tentar-nos-ão a mudar de lado ou, simplesmente, desistir, mas a escolha será, exclusivamente, nossa.

Marcelo Garbine

Sobre dinossauros, casas e o tempo

Marcelo Garbine

Semana passada, acordei e abri a janela do meu quarto. Vi uma casa. Casa? Mas, pelo que me lembre, era um terreno baldio. Puro mato. (...)

Construíram uma casa e nem percebi. E já tem até uma família morando nela. Onde estava eu com a cabeça que nem notei esta casa sendo construída? Não me ausentei muito durante os últimos meses, nem durante as últimas semanas.

Os operários trabalhadores colocaram tijolinho por tijolinho e eu não prestei atenção em nenhum sequer...

Do trabalho pra casa, da casa pra padaria, da padaria pra casa... O tempo passou, uma casa foi construída bem diante do meu nariz e eu nem vi...

Os filhos do novo morador fizeram amizade com as crianças da vizinhança. O casal parece ser bem feliz.

Quando abro o portão, o novo vizinho acena com um sorriso pra mim. Quem sabe, novos amigos... E eu não vi nenhum tijolinho sendo assentado... O meu senso de assimilação cômodo só reclama da estranheza de olhar pela janela e não enxergar o costumeiro mato.

Ontem, indo ao trabalho, refleti: "será que não fazemos isto também em nossas vidas? Quantas casas construímos dentro de nós e nem percebemos? Quanta gente nova vem morar nestas nossas casas interiores e nem nos damos conta?".

Tudo porque estamos ocupados com uma rotina diária. Coisas novas acontecem, coisas velhas deixam de acontecer. O que parecia eterno já não existe mais.

Lagartos gigantes que dominavam o nosso planeta, agora, são apenas ossadas expostas em museus e petróleo pra queimarmos no tanque de combustível de nossos carros em frações de segundos. Minhas crônicas são casas que eu construí dentro de mim. Os moradores destas casas são os meus leitores e amigos. Escrevendo, fiz amizades.

E se, de repente, abandono tudo? Quantos moradores do meu coração serão desalojados?

Uma alma que, há poucos meses, estava repleta de mato, hoje, é um conjunto habitacional. E nada disto teria sido concretizado se não fosse o nosso bom e velho amigo tempo... quanta coisa precisamos aprender sobre o tempo...

Marcelo Garbine